

O QUE É UMA QUESTÃO FILOSÓFICA? APORTES PARA SUA ADEQUADA FORMULAÇÃO

What Is A Philosophical Question? Contributions Toward Its Adequate Formulation

*Lamartine de Hollanda Cavalcanti Neto*¹

Resumo

A clara definição dos termos que compõem um raciocínio é de suma importância, ela se compara aos alicerces de um edifício material. Assim, a noção de questão filosófica é um conceito axial, em torno do qual devem evoluir as análises e os raciocínios de natureza filosófica. Ora, tal noção não parece estar ainda consensualmente expressa. Este artigo tem o escopo de examinar mais atentamente a natureza das questões filosóficas para poder ensaiar sua formulação em termos objetivos e adequados.

Palavras-chave: Filosofia, questões filosóficas, conceito, natureza.

Abstract

The clear definition of terms in rational thought is of vital importance, just as the foundations of a material structure. As such, the notion of the philosophical question is an axial concept, around which the analyses and reasoning of philosophical nature evolve. However, this notion does not appear to be consensually expressed. This article aims toward a more attentive examination of the nature of philosophical questions with the intent of considering their formulation in objective and adequate terms.

Keywords: Philosophia, philosophical questions, concept, nature.

Introdução

O presente texto é uma transcrição, com adaptações e um acréscimo final, de parte de um dos capítulos de um trabalho de pós-doutorado em Filosofia, recentemente concluído,² o qual teve, entre seus objetivos, os de examinar a revolução informática que se desenvolve no mundo atual, formular questões

1) Médico psiquiatra, coordenador do Curso de Psicologia do Instituto Filosófico Aristotélico-Tomista (IFAT). Doutor em Bioética pelo Centro Universitário São Camilo e Pós-Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

2) CAVALCANTI NETO, Lamartine de Hollanda. *Quem ou o que pensa? Uma busca de aportes para questões filosóficas suscitadas pela revolução informática atual*. 2020. 384f. Tese (Pós-Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://philpapers.org/rec/DEHQOO>>. Acesso em: 28 fev. 2021.

filosóficas que ela pode suscitar e procurar aportes num debate filosófico específico, ocorrido em 1270 na Universidade de Paris, pelas analogias que alguns dos temas tratados naquela ocasião demonstraram ter com as mencionadas questões da atualidade.

Como tais questões não parecem estar ainda consensualmente expressas, fez-se necessário examinar mais atentamente a natureza delas para poder ensaiar sua formulação em termos objetivos e adequados. Tal análise se constituiu, assim, o objetivo mais imediato deste segmento do capítulo destinado à mencionada formulação, a qual tinha em vista, dentro do escopo geral do trabalho, facilitar a obtenção de aportes para as respostas que elas requerem.

Importância da clareza terminológica e conceitual

Se é verdade que boas respostas dependem de perguntas previamente bem delineadas, então é necessário, antes de tudo, procurar desambiguar e identificar com clareza as características das questões para as quais se procura respostas, de modo a não trabalhar com base em conceitos equívocos. A esse respeito, já observava Bergson que, em Filosofia e mesmo alhures, a verdade é que se trata “de encontrar o problema e conseqüentemente de colocá-lo, mais do que resolvê-lo. Pois um problema especulativo está resolvido no momento em que for bem enunciado”.³

Sem embargo, nada parece ser mais fácil do que resvalar na terminologia e no conteúdo conceitual quando se trata de questões de natureza filosófica, dado que nem sempre o que o senso ou a linguagem comum entende como tal coincide com as concepções dos especialistas. Tanto mais que estes últimos nem sempre são concordes nessa matéria, bem como numa grande quantidade de outras.

Por outro lado, a importância da clara definição dos termos que comporão a construção de um raciocínio pode ser comparada à da solidez dos alicerces de um edifício material. Em particular no caso de estudos como o do mencionado Pós-Doutorado, no qual a noção de questão filosófica é um conceito axial em torno do qual devem evoluir as análises e os raciocínios.

À primeira vista, entretanto, a resposta à indagação “o que é uma questão filosófica?” parece de fácil solução, pois se é verdade que questões

3) BERGSON, Henri. O pensamento e o movente. In: Id. *Cartas, conferências e outros escritos*. Trad. Franklin Leopoldo e Silva; Nathanael Caixeiro. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984. p. 127.

matemáticas ou biológicas são aquelas que se solucionam, respectivamente, com respostas matemáticas ou biológicas, questões filosóficas serão aquelas que se resolvem com respostas ou argumentos filosóficos.

Contudo, é preciso lembrar que o adjetivo “filosófico” deriva de um substantivo, “Filosofia”, e que talvez nada seja menos fácil de definir do que esta última. Quase se poderia dizer que há tantas definições para a Filosofia, ou pelo menos matizes conceituais, quanto filósofos existam ou tenham existido ao longo dos tempos.

Acresce que, num contexto epistemológico como o dos nossos dias, no qual por vezes se tem a impressão de que se absolutiza o relativismo, como definir, isto é, estabelecer os limites precisos de um termo que admite tantas acepções? Se todos os referenciais forem relativos, como basear-nos em algum, ou em alguns deles, para adotarmos uma noção consensual para a Filosofia e, em consequência, para caracterizar as questões que lhe dizem respeito? O devido exame do problema impõe, portanto, uma análise prévia de sua raiz terminológico-conceitual.

O que é a Filosofia?

Em que pesem as dificuldades mencionadas, se a resposta à pergunta “o que é uma questão filosófica?” passa pela resposta a “o que é a Filosofia?”, faz-se necessário pelo menos tentar responder, primeiramente, a esta última.

As dificuldades, entretanto, não se limitam às mencionadas, como logo veremos. A este propósito, vem à memória uma frase de Savater que já tende a se tornar lugar comum, de tão citada, sem que isto a faça perder sua força de expressão:

A filosofia não é um longo rio tranquilo, em que cada um pode pescar a sua verdade. É um mar no qual mil ondas se defrontam, em que mil correntes se opõem, se encontram, às vezes se misturam, se separam, voltam a se encontrar, opõem-se de novo [...] cada um o navega como pode, e é isso que chamamos de filosofar.⁴

Podemos começar tal “navegação” pelo exame da raiz etimológica do termo. Φιλοσοφία procede de φίλος (*philos*), derivada, por sua vez de φιλία (*philia*), significando amizade ou amor entre pares, e de σοφία (*sophia*),

4) FERNÁNDEZ-SAVATER MARTÍN, Fernando. *As perguntas da vida*. Trad. Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 209.

que se pode traduzir como saber ou sabedoria.⁵ Esbarramos, entretanto, na polissemia deste último termo, tanto menos consensual, quanto mais específico se lhe procure determinar o sentido. O exame da questão parece conduzir, portanto, a uma espécie de círculo vicioso.

Constatação, aliás, já realizada por Puppi, talvez entre muitos outros autores, ao afirmar: “eis aí o início da formulação do tema: filosofia, o que é isso? Ao tentar responder, descobre-se que o processo de discussão já supõe uma determinada concepção da filosofia, conduzindo, portanto, a um círculo vicioso”.⁶

Sem embargo, não era por isso que o antigo professor titular de Filosofia da UNESP menosprezava a questão. Pelo contrário, afirmava que:

Perguntar o que é a filosofia torna-se por redução a única questão, a questão fundamental à qual se reporta toda outra pergunta filosófica. Efetivamente, a pergunta filosófica sobre algo implica que a filosofia pode responder; se, porém, a pergunta incide sobre a própria filosofia, toda pergunta filosófica queda em suspenso.⁷

De fato, não há como discordar da conclusão a que ele chega neste trecho. Vista sob este ângulo, a pergunta poderia merecer uma elucidação como a de Stroud, quando comenta que “diante da pergunta ‘o que é a filosofia?’, minha primeira reação é a de que a questão é absurda. No entanto, refletindo um pouco, descubro que não é tanto a questão que é absurda, mas sim a tentativa de responder a ela”.⁸

Ao que o professor da *University of California* acrescenta:

[...] posso reformular um pouco a questão, de modo que ela seja não “o que é a filosofia?”, mas tão somente “como eu vejo a filosofia?”. Ainda assim a questão é assustadora: – como vejo a filosofia? – mas ao menos parece ser mais tratável. Mas, então, qualquer resposta que eu possa dar-lhe não deve ser de grande interesse. Será como a mensagem de uma pulga

5) Cf. CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque: histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 2009.

6) PUPPI, Ubaldo. Inserção da questão filosófica na história. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, v. 3, 1980, p. 65.

7) *Ibid.*, p. 66.

8) STROUD, Barry. O que é a filosofia? Trad. Israel Vilas Bôas, revisão Plínio Junqueira Smith. *Sképsis*, ano IX, n. 13, 2016, p. 1.

trabalhando em sua própria polegada quadrada de carne, relatando “como vejo o elefante”.⁹

Norrie¹⁰ tenta dar uma explicação quando sugere que talvez seja difícil responder à questão “o que é a Filosofia?” porque isso pressupõe o esclarecimento de muitas outras questões controversas que se apresentam desde há muito. Tais divergências conduzem a um “beco sem saída”,¹¹ quando se trata de estabelecer a natureza dessa disciplina.

Norrie opina que, como se trata de um problema exclusivo da Filosofia, ele revela algo de sua natureza essencial, isto é, uma maneira específica de apresentar problemas, razão pela qual ele propõe uma definição inicial da Filosofia como um modo particular de problematizar.¹² Embora tal concepção seja, ao menos, uma tentativa de defini-la, é forçoso reconhecer que não ajuda muito a encontrar soluções claras, nem sequer para a questão metafilosófica sobre sua própria natureza.

Menos conhecido, Uygur não opina de diferente modo: “à questão ‘o que é a filosofia?’ eu não responderei com uma única fórmula completa. Sou inclinado a pensar que tal fórmula não está disponível, nem é necessária”.¹³ Sem embargo, no desenvolvimento do seu ensaio, voltado à investigação da natureza das questões filosóficas, Uygur acaba fornecendo uma “fórmula” quando afirma que “Filosofia é preocupação com o significado dos conceitos dos quais as questões do tipo ‘o que é?’ fizeram seu assunto”.¹⁴ A pergunta que se põe, naturalmente, é: seria só isso?¹⁵

9) Ibid.

10) NORRIE, Stephen J. E. What Is Philosophy? Prolegomena to a Sociological Metaphilosophy. *Metaphilosophy*, v. 49, n. 5, 2018, p. 646-673. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/meta.12334>>. Acesso em: 11 jul. 2019.

11) Ibid., p. 646 (tradução nossa). Trata-se de uma tradução livre, embora gramaticalmente correta. Talvez Norrie preferisse uma tradução mais acadêmica, como “impasse”, por exemplo. Sem embargo, a carga semântica da ideia que ele aduz pareceu-nos mais compatível com a tradução escolhida.

12) Ibid.

13) UYGUR, Nermi. What is a Philosophical Question? *Mind*, New Series, v. 73, n. 289, 1964, p. 64 (tradução nossa). Todas as demais traduções de citações de Uygur, que serão utilizadas várias outras vezes daqui por diante, são de nossa autoria, pelo que nos dispensaremos de repetir a expressão “tradução nossa” no caso dele.

14) UYGUR. Op. cit., p. 72.

15) Como veremos mais adiante, outro autor que se dedicou ao mesmo tema (FLORIDI, Luciano. What is a Philosophical Question? *Metaphilosophy*, v. 44, n. 3, 2013, p. 195-221) opina inequivocamente que não, embora adotando uma espécie de hermenêutica de continuidade com os aportes de Uygur.

Popper, por sua vez, parece propor uma solução tanto mais veemente, quanto menos tranquilizadora:

Quando disse que a indagação sobre o caráter dos problemas filosóficos é mais apropriada do que a pergunta “Que é a filosofia?”, quis insinuar uma das razões da futilidade da atual controvérsia a respeito da natureza da filosofia: a crença ingênua de que existe de fato uma entidade que podemos chamar de “filosofia” ou de “atividade filosófica”, com uma “natureza”, essência ou caráter determinado.¹⁶

Waismann é, pelo menos, franco e direto. Principia seu conhecido ensaio intitulado “*How I see Philosophy*” perguntando “o que é a Filosofia?” e respondendo, logo em seguida, “eu não sei, nem tenho uma fórmula definida para oferecer”.¹⁷

Em consequência, ele supõe que talvez seja mais fácil dizer o que ela não é. Dentre essas características negativas, ele propõe que ela seja muito diferente das Ciências pelo fato de não ter provas, teoremas, nem questões que possam ser resolvidas com “sim” ou “não”. E, com isso, fornece um primeiro elemento dentre os que se consideram característicos das questões filosóficas, isto é, que elas são consideradas questões abertas.¹⁸

Como observa Popper,¹⁹ em um texto sob o mesmo título, Waismann não foi um decepcionado com a Filosofia. Antes pelo contrário, considerava os filósofos como uma classe especial de indivíduos e procurava contagiar seus leitores com o entusiasmo que impeliria os que ele considerava os melhores membros dessa comunidade exclusiva.

Embora elogiasse Waismann, Popper apresentava sua perspectiva como muito diferente da dele. Sustentando que “todos os homens são filósofos, ainda que uns mais do que outros”, Popper dizia não partilhar “de modo

16) POPPER, Karl Raimund. *Conjecturas e refutações*. Trad. Sérgio Bath. Brasília: Universidade de Brasília, 1972. p. 95.

17) WAISMANN, Friedrich. *How I see Philosophy*. Edited by Horace Romano Harré. London: Macmillan; New York: St. Martin's Press, 1968. p. 1. (Tradução nossa).

18) Mais adiante veremos o assunto de modo mais detalhado ao examinar as proposições de Floridi (*What is a Philosophical Question?* Op. cit.).

19) POPPER, Karl Raimund. Como eu vejo a Filosofia. In: Id. *Em busca de um mundo melhor*. Trad. Teresa Curvelo, revisão João Carlos Espada. 3. ed. Lisboa: Fragmentos, 1992. p. 157-170.

algum o entusiasmo de Waismann pela atividade e pelas opiniões destes filósofos”.²⁰

Diante da dificuldade, entretanto, em dar-lhe uma definição positiva, Popper opta, como Waismann, pela via negativa e enumera nove pontos do que considera que não seja a Filosofia. Numa clara oposição às posturas de alguns integrantes do Círculo de Viena, advoga a complementariedade entre a Filosofia e as Ciências:

Tal como eu vejo a Filosofia, ela nunca deveria – nem tão pouco pode – ser desligada das ciências individualmente consideradas. Encarada historicamente, a ciência ocidental é, no seu conjunto, um derivado das especulações filosóficas dos Gregos sobre o Cosmos, sobre a ordem universal. Os antepassados comuns de todos os cientistas e de todos os filósofos são Homero, Hesíodo e os pré-socráticos. [...] E é a investigação crítica das ciências, as suas descobertas e métodos, que permanece o caracterológico da pesquisa filosófica, mesmo depois das ciências individuais se terem separado da filosofia.²¹

As opiniões sobre a Filosofia não se encerram, naturalmente, com os poucos autores mencionados. Russell, por exemplo, parece apresentar uma proposta mais positiva e definida:

A filosofia, como os demais estudos, visa fundamentalmente o conhecimento. O conhecimento que ela tem em vista é aquela espécie de conhecimento que confere unidade e organização sistemática a todo o corpo do saber científico, bem como o que resulta de um exame crítico dos fundamentos das nossas convicções, dos nossos preconceitos e das nossas crenças.²²

Entretanto, ainda que num trecho anterior, ele parece diluir um tanto sua opinião ao basear sua concepção de Filosofia em nossas “crenças instintivas”, por mais variáveis que estas sejam de indivíduo a indivíduo:

20) Ibid., p. 157. A falta de entusiasmo de Popper pelos seus colegas de profissão vai ao ponto de afirmar, ainda que entre parêntesis e não sem uma boa dose de humor: “(Desde Platão que a megalomania é a doença profissional mais propagada entre os filósofos).” (Ibid., p. 158).

21) Ibid., p. 167.

22) RUSSEL, Bertrand. *Os problemas da Filosofia*. Trad. Jaimir Conte. Florianópolis: edição virtual do tradutor, 2005. p. 172. Disponível em: <<http://conte.prof.ufsc.br/russell.html>> e <<http://conte.prof.ufsc.br/txt-russell.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2018.

O que é uma questão filosófica? Aportes para sua adequada formulação

[...] ao organizar nossas crenças instintivas e suas consequências, ao considerar qual dentre elas é mais aceitável, e, se necessário, modificá-la ou abandoná-la, podemos alcançar, na base de aceitar como nosso único dado aquilo que instintivamente acreditamos, uma organização sistemática e ordenada de nosso conhecimento. Nesta organização sistemática, embora a possibilidade do erro permaneça, sua probabilidade diminui mediante as relações recíprocas das partes e mediante o exame crítico que precedeu sua aceitação. A filosofia pode cumprir, pelo menos, esta função. A maioria dos filósofos acredita, com razão ou não, que a filosofia pode fazer muito mais do que isso, que ela pode nos dar conhecimento, não acessível de outro modo, sobre o universo como um todo e sobre a natureza da realidade última. Se este é o caso ou não, a função mais modesta de que temos falado pode certamente ser realizada pela filosofia. E isto basta, com efeito, para os que começaram duvidando da adequação do senso comum, para justificar o trabalho árduo e difícil que os problemas filosóficos envolvem.²³

No intuito de encontrar uma opinião baseada em alicerces menos díspares e instáveis que as “crenças instintivas” de cada um, o pesquisador pode, por exemplo, ampliar seu leque de investigação e se voltar para outros autores, como, por exemplo, Strawson. O “cartão de visitas” de sua visualização, entretanto, não é dos mais animadores: “‘Filosofia’, essa grande palavra, não quis dizer, em todas as épocas, sempre a mesma coisa. Mesmo hoje não significa o mesmo para todas as pessoas. Esse ponto pode ser analisado de várias formas”.²⁴

Numa de suas obras em que se propõe a explicar o conceito de Filosofia, ao mesmo tempo que oferece uma introdução a esta disciplina, Strawson contrapõe a visão da Filosofia que se entrelaçaria com as ciências da Natureza – e, neste sentido, como adversária de outras linguagens que tentam explicar o mundo, como a poética, a mitológica e a fantasia – a uma visão da Filosofia que a vê como uma reflexão sobre o ser humano, inclusive em seus aspectos morais.

Para ele, enquanto a primeira visualização promoveria uma espécie de desilusão com o mundo, a segunda poderia tender a uma elevação do espírito e a uma reflexão mais ou menos sistemática sobre a condição humana, podendo levar a novas perspectivas sobre a vida. Já em sua vertente analítica, a Filosofia não geraria este último tipo de visualização, mas uma análise,

23) *Ibid.*, p. 26-27.

24) STRAWSON, Peter F. *Análise e Metafísica: uma introdução à Filosofia*. Trad. Armando Mora de Oliveira. São Paulo: Discurso Editorial, 2002. p. 13.

enquanto decomposição e desmonte de conceitos, na tentativa de formar mapas conceituais.

Sem embargo, Strawson observa que isto pode levar o filósofo a se perder no meio da complexidade resultante, apesar de muitas vezes tal vertente se propor como uma espécie de terapia, uma ordenação do pensamento em moldes mais rigorosos. Strawson remete para a conhecida frase de Wittgenstein “O filósofo trata uma questão como uma doença”,²⁵ para exemplificar como caso típico dessa vertente.

Strawson propõe ainda uma analogia da Filosofia com a gramática, muito embora pareça enfatizar a primazia dos conceitos sobre as regras que regem seu emprego na linguagem: “[...] o gramático se esforça para produzir uma análise sistemática da estrutura das regras que seguimos sem esforço ao falar gramaticalmente, também o filósofo se esforça para produzir uma análise sistemática da estrutura conceitual geral.”²⁶

Ele advoga, assim, um novo modelo de análise filosófica que examine os conceitos enquanto formando uma rede integrada e elaborada, que seria compreensível na medida em que se percebesse as conexões existentes entre os conceitos, em contraposição à visão que procura sua simplicidade como que perfeita.

Seu ponto de vista poderia ser completado ainda com aportes de outras de suas obras, contudo, se nosso objetivo fosse encontrar uma noção clara de Filosofia que nos permitisse delinear o conceito de questão filosófica, é forçoso reconhecer que, terminado este breve exame da concepção de Strawson, sentimo-nos de volta ao ponto inicial...

Poderíamos, então, pedir a opinião de Pieper, cuja obra “Que é filosofar?”²⁷ leva um título tendente a despertar esperanças. Nela, o autor desenvolve várias considerações conexas com as de outros estudos sobre o tema, tais como mostrar que, diferentemente das ciências, o mero fato de perguntar o que é a Filosofia ou o ato de filosofar já põe o indivíduo diretamente dentro da disciplina em questão. Mais ainda, que a própria questão já levanta outra sobre a essência do ser que filosofa, conduzindo-o, assim, à Antropologia filosófica.

25) WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1999. § 255, p. 100.

26) STRAWSON. Op. cit., p. 21.

27) PIEPER, Josef. *Que é filosofar?* Trad. Francisco de Ambrosio Pinheiro Machado. São Paulo: Loyola, 2007.

E que, dado que a pergunta que intitula seu livro é uma característica questão filosófica,

também não poderá ser respondida de modo definitivo, pois pertence justamente à essência de uma questão filosófica o fato de não podermos receber nas mãos a resposta como “verdade acabada” (segundo as palavras de Parmênides), tal como se colhe uma maçã.²⁸

Não que Pieper se furte a emitir uma opinião. Pouco adiante, por exemplo, ele dá uma noção de Filosofia, ou do ato de filosofar, contrapondo-o ao que chama de “mundo do trabalho”: “filosofar consiste em uma ação na qual o mundo do trabalho é ultrapassado”.²⁹ Mas não se poderia dizer, também, que o mundo do esporte, ou o mundo da diversão, ou o da poesia são ultrapassados pelo ato de filosofar? Talvez esta concepção satisfaça quem tenha uma visão muito ampla do trabalho, compreendendo-o como tudo aquilo que não seja estrita metafísica. A qual não parece ser, aliás, a posição de Pieper, em sua totalidade.

Examinada a noção de “mundo do trabalho” de Pieper, notamos que, se não é com ele que a Filosofia deve se ocupar, o âmbito de suas cogitações deve ser o que, já muito antes dele, Aristóteles assinalava quando dizia que a Filosofia “deve especular sobre os princípios primeiros e as causas, pois o bem e o fim das coisas é uma causa”.³⁰ Isto em nada desmerece a concepção de Pieper. Contudo, não se pode caracterizá-la exatamente como original.

Enfocando-a sob este prisma, Pieper tenta mostrar a importância da Filosofia para o mundo contemporâneo, o que também lhe acrescenta o mérito que lhe advém de outros desdobramentos apresentados em seu opúsculo. Sem embargo, terminado seu exame, sentimo-nos novamente na raia original, coisa para o que, aliás, o próprio Pieper tinha advertido no início do seu texto, ao dizer que a pergunta do seu título “também não poderá ser respondida de modo definitivo”.³¹

Se voltarmos os olhos, por conta disso, para opiniões procedentes de quadrantes talvez menos vinculados ao *establishment* acadêmico, como as

28) Ibid., p. 8.

29) Ibid.

30) ARISTÓTELES. *Metafísica*: ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentários de Giovanni Reale. Tradução para o Português de Marcelo Perine. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005. v. 2. I, 2, 982b9 ss., p. 11.

31) PIEPER. Op. cit., p. 8.

de Deleuze e Guattari, por exemplo, encontramos, por vezes, apreciações que parecem mais definidas:

O filósofo é o amigo do conceito, ele é conceito em potência. Quer dizer que a filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos. A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos.³²

Contudo, estes mesmos autores constatarem e se perguntam, pouco mais adiante:

[...] retornaremos sempre à questão de saber para que serve esta atividade de criar conceitos, em sua diferença em relação às atividades científica ou artística: por que é necessário criar conceitos, e sempre novos conceitos, por qual necessidade, para qual uso? Para fazer o quê?³³

Poder-se-ia acrescentar: e qual a validade ou objetividade de conceitos produzidos, por assim dizer, em série? Com a diferença de que, numa linha de produção industrial, os produtos são, em geral, idênticos, mas na concepção destes autores os conceitos seriam sempre “submetidos a exigências de renovação, de substituição, de mutação, que dão à filosofia uma história e também uma geografia agitadas”.³⁴ Não surpreende que eles mesmos constatem que: “Se os conceitos não param de mudar, podemos perguntar: qual unidade resta para as filosofias?”³⁵

Diante de tantos paradoxos e controvérsias, tampouco é de surpreender que Heidegger, a seu tempo, recomendasse muito cuidado ao se propor responder sobre o que seja a Filosofia.³⁶ Reconhecendo que não só esta última, mas toda a civilização ocidental tem raízes na tradição grega, ele recorda também que o modo socrático de formular questões – “o que é isto?” – encontra interpretações diversas ao longo da História. Aquilo que o “que” significa terá um sentido em Platão, outro em Aristóteles, outro em Kant ou em Hegel, e assim por diante.

32) DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Jr.; Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: 2004. p. 13.

33) *Ibid.*, p. 17.

34) *Ibid.*, p. 16.

35) *Ibid.*

36) HEIDEGGER, Martin. *Que é isto – a filosofia?* Trad. Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes, 2018.

Por outro lado, afirmando basear-se em Aristóteles, Heidegger argumenta que a Filosofia procura o que é o ente enquanto é, estando, desse modo, a caminho do ser do ente, ou seja, a caminho do ente sob o ponto de vista do ser. Ele sustenta, assim, que a Filosofia seja uma espécie de competência apta a perscrutar o ente sob o ponto de vista do que ele é, enquanto é ente. Sem embargo, logo em seguida, observa que se poderia objetar que esta não seria a resposta, mas apenas uma entre muitas outras.³⁷

Dessa forma, ainda quando procurando responder, ele mostra que a própria pergunta sobre a natureza da Filosofia esbarra em outras intrincadas questões filosóficas. Naturalmente, como os demais autores que escreveram sobre o tema, Heidegger não deixa de apresentar a *sua* resposta sobre o que seja a Filosofia.

Ele a considera como o corresponder ao ser do ente, correspondência esta que necessita obedecer adequadamente ao apelo do ser, dependendo sempre do modo como fala este apelo do ser, ou do modo como é ouvido ou não ouvido, ou ainda, do modo como é dito e silenciado o que se ouviu. Tal resposta precisaria ainda ser complementada pelo que ele escreveu alhures.³⁸

O quanto esta resposta de Heidegger serve para esclarecer a questão que nos ocupa, entretanto, é outra questão bem diversa. Sem embargo, talvez em um ponto seja forçoso dar-lhe razão. Heidegger³⁹ observa que o método de análise histórica das definições de Filosofia, que ele mesmo emprega na primeira parte de sua argumentação, tende a ser uma mera reunião de definições prontas que depois serão dissolvidas numa fórmula geral vazia, a qual, servindo para qualquer tipo de filosofia, apenas nos conduz o mais longe possível de uma resposta à questão sobre o que ela seja.

Sendo assim, e como nossa pesquisa tampouco identificou um método eficaz para tal fim, parece mais sensato suspender por aqui nosso exame sobre o que é a Filosofia, ainda que compreendendo que outros o tentem levar adiante. Tal constatação tem como corolário que, se é tão difícil chegar a

37) Ibid. Ver, mais adiante, nossos comentários às propostas de Floridi (*What is a Philosophical Question?* Op. cit.) sobre a natureza das questões filosóficas, comentários estes que parecem corroborados, ao menos em parte, pelos trechos de Heidegger que acabamos de examinar. Ou seja, que a Filosofia, e, portanto, as questões filosóficas, se ocupam principalmente dos aspectos ontológicos daquilo que seja objeto de sua atenção.

38) Cf. HEIDEGGER, Martin. *As questões fundamentais da filosofia*. Trad. Marco Antonio Casanova. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

39) HEIDEGGER. *Que é isto – a filosofia?* Op. cit.

respostas consensuais e objetivas sobre o que ela seja, não será de surpreender que o mesmo suceda com a pergunta sobre o que sejam as questões filosóficas.

Este impasse, entretanto, não significa que se possa atribuir a tais questões a definição que se deseje, nem muito menos que elas sejam indefiníveis. Um impasse é, sem dúvida, uma limitação, mas não um obstáculo intransponível. O intuito de trabalhar com categorias solidamente definidas nem sempre é possível de se obter, até mesmo nas mais exatas das ciências. Donde a conveniência de prosseguir no exame sobre o adjetivo (“filosóficas”) que acompanhará as questões que pretendemos formular,⁴⁰ ainda que ele derive de um substantivo (“Filosofia”) tão difícil de definir.

O que é uma questão filosófica

Podemos começar por considerar que Popper parece amenizar um pouco o mencionado impasse quando opina que não haveria muita importância em definir e categorizar o que seja a Filosofia, ou mesmo qualquer outra disciplina: “a classificação das disciplinas tem relativamente pouca importância; [...] *estudamos problemas, não disciplinas*” para, logo em seguida se perguntar: “mas, *haverá problemas filosóficos?*”⁴¹

Antes de examinarmos as contribuições que ele apresenta, convém observar que, se consultarmos, por exemplo, autores como Bréhier (ou antes Aristóteles, para o qual ele remete), o problema não parecerá tão “problemático” assim:

Nos Tópicos, este trabalho dedicado à arte da discussão, Aristóteles [I, 4, 101 b 29] define assim o problema: “a diferença entre o problema e a proposição está na maneira como a pergunta é feita. Se dissermos por exemplo: animal pedestre e bípede é a definição do homem, não é?, obtém-se uma proposição. Se, por outro lado, dizemos: animal pedestre e bípede é, ou não, a definição do homem?, isso é um problema”. Em outras palavras, enquanto a definição considera apenas uma tese que se pede para admitir, o problema considera como possível o oposto da tese proposta, e solicita, ao mesmo tempo, o exame dos argumentos em favor dessa tese e contra ela.

40) A frase “as questões que pretendemos formular” diz respeito às questões filosóficas suscetíveis pela revolução informática, formuladas como parte do trabalho de pós-doutorado mencionado no início do presente artigo, o qual, como ali referido, é parte de um dos capítulos do citado trabalho.

41) POPPER. *Conjecturas e refutações*. Op. cit., p. 96. Destaques em itálico do original.

O que é uma questão filosófica? Aportes para sua adequada formulação

[...] o problema é, portanto, antes de tudo, consciência de uma alternativa; ele opõe o espírito a si mesmo.⁴²

Contudo, é preciso lembrar que, neste “mar no qual mil ondas se defrontam” de que fala Savater,⁴³ nem sempre se chega com facilidade aos bons portos. O mesmo Popper,⁴⁴ por exemplo, recorda que, na opinião de Wittgenstein esta classe de problemas (os filosóficos) simplesmente não existiria, e que todos os problemas genuínos seriam científicos.⁴⁵ Wittgenstein, entretanto, parece conceder algum papel às questões filosóficas:

Toda elucidação deve desaparecer e ser substituída apenas por descrição. E esta descrição recebe sua luz, isto é, sua finalidade, dos problemas filosóficos. Estes problemas não são empíricos, mas são resolvidos por meio de um exame do trabalho de nossa linguagem e de tal modo que este seja reconhecido: contra o impulso de mal compreendê-lo.⁴⁶

Popper se propõe a refutá-lo, embora lhe conceda parte da razão:

Resumiria da seguinte forma minha opinião sobre a doutrina de Wittgenstein: talvez seja verdade, de modo geral, que não existem problemas filosóficos “puros”; na verdade, quanto mais puro um problema filosófico mais se perde sua significação original, maior o risco de que sua discussão degenera num verbalismo vazio. Por outro lado, existem não só problemas científicos genuínos, mas também problemas filosóficos genuínos. Mesmo quando a análise revela que esses problemas contêm componentes factuais, não é preciso classificá-los como científicos. Por outro lado, ainda quando podem ser solucionados com meios exclusivamente lógicos, não precisam ser qualificados como puramente lógicos ou tautológicos.⁴⁷

42) BRÉHIER, Émile. La notion de problème en philosophie. In: Id. Études de philosophie antique. Paris: Presses Universitaires de France, 1955. p. 11-16. (Tradução nossa).

43) FERNÁNDEZ-SAVATER MARTÍN. Op. cit., p. 209.

44) POPPER. *Conjecturas e refutações*. Op. cit.

45) Penha (Cf. PENHA, João da. *Como ler Wittgenstein*. São Paulo: Paulus, 2014) oferece um matiz sobre esta posição de Wittgenstein. Concordando que, segundo este, não haveria problemas filosóficos, os quais seriam decorrências dos erros dos filósofos de se preocuparem com o que não existe, sustenta que, para Wittgenstein, o que haveria são perplexidades. Por essa razão, ele não afirmaria que as questões filosóficas não têm sentido, pois se há perplexidades, cabe à Filosofia respondê-las mostrando suas origens e seus reflexos sobre os seres humanos.

46) WITTGENSTEIN. *Investigações filosóficas*. Op. cit., p. 65.

47) POPPER. *Conjecturas e refutações*. Op. cit., p. 102.

Wittgenstein poderia redarguir-lhe com uma de suas conclusões tão enfáticas, quanto apriorísticas: “Os resultados da filosofia consistem na descoberta de um simples absurdo qualquer e nas contusões que o entendimento recebeu ao correr de encontro às fronteiras da linguagem. Elas, as contusões, nos permitem reconhecer o valor dessa descoberta”.⁴⁸

Popper⁴⁹ desenvolve uma estruturada argumentação, com base em fatos da história da Filosofia, para refutar Wittgenstein e sustentar a opinião supracitada. Contudo, não parece fácil encontrar uma resposta unívoca ao que sejam as questões filosóficas findo o exame do seu arrazoado.

Pode-se, isto sim, constatar o quanto ele considera o problema uma questão aberta,⁵⁰ como também o deixa transparecer ao transcrever, no prefácio da primeira edição de *A lógica da pesquisa científica*, quase ao modo de um debate em que se abstraem as distâncias temporais entre os contendores, as opiniões conflitantes de Schlick e de Kant sobre as questões filosóficas:

A alegação de que, afinal de contas, o homem resolveu seus mais complexos problemas... é pequeno consolo para o estudioso de questões filosóficas, pois que ele não pode impedir-se de temer que a Filosofia jamais chegue a colocar um problema genuíno (M. Schlick, 1930).

De minha parte, sustento a opinião contrária e afirmo que sempre que se tenha prolongado uma disputa, especialmente no campo filosófico, havia, em suas raízes, não um simples problema de palavras, mas um problema genuíno acerca de coisas (Kant, 1786).⁵¹

Não sem uma discreta dose de humor, Russell poderia entrar na discussão dando mostras de certa decepção com o modo com que a Filosofia responderia, ou não, às suas questões:

Mas não se pode dizer, no entanto, que a filosofia tenha tido algum grande êxito na sua tentativa de dar respostas definitivas à suas questões. Se perguntarmos a um matemático, a um mineralogista, a um historiador,

48) WITTGENSTEIN. *Investigações filosóficas*. Op. cit., p. 66.

49) POPPER. *Conjecturas e refutações*. Op. cit.

50) A observação pode se generalizar, dado que o problema levantado por Popper (“haverá problemas filosóficos?”) é, também ele, uma autêntica questão filosófica. Como veremos mais adiante, os que trataram especificamente sobre o que são tais questões também apontam, como uma de suas primeiras características, o fato de serem questões abertas.

51) POPPER. *A lógica da pesquisa científica*. Trad. Leonidas Hegenberg; Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1975. p. 23.

O que é uma questão filosófica? Aportes para sua adequada formulação

ou a qualquer outro homem de saber, que conjunto de verdades concretas foi estabelecido pela sua ciência, sua resposta durará tanto tempo quanto estivermos dispostos a lhe dar ouvidos. Mas se fizermos essa mesma pergunta a um filósofo, terá que confessar, se for sincero, que a filosofia não alcançou resultados positivos como os que foram alcançados por outras ciências. É verdade que isso se explica, em parte, pelo fato de que, assim que se torna possível um conhecimento preciso naquilo que diz respeito a determinado assunto, este assunto deixa de ser chamado de filosofia e torna-se uma ciência especial.⁵²

Russell arremata suas considerações em termos que revelam a quota de ceticismo que marca seu pensamento, neste particular, mas que também denotam o valor que dá aos problemas filosóficos, os quais, por si só, justificariam, para ele, a existência da Filosofia:

[...] ela deve ser estudada, não em virtude de quaisquer respostas definitivas às suas questões, uma vez que nenhuma resposta definitiva pode, via de regra, ser conhecida como verdadeira. Ela deve ser estudada por causa dos próprios problemas, porque estes problemas ampliam as concepções que temos acerca do que é possível, enriquecem a nossa imaginação intelectual e diminuem a arrogância dogmática que impede a especulação mental.⁵³

De se notar que, embora na opinião de Popper⁵⁴ a posição de Wittgenstein contrária à existência de legítimos problemas filosóficos derivasse da influência de Russell, este último não deixa de expressar um parecer diverso daquele do seu discípulo:

Se for verdadeiro o que dissemos acima, o conhecimento filosófico não difere essencialmente do conhecimento científico; não há fonte especial de sabedoria aberta à filosofia e não à ciência; e os resultados obtidos pela filosofia não são radicalmente diferentes daqueles que são obtidos pela ciência. A característica essencial da filosofia, em virtude da qual ela é um estudo que se distingue da ciência, é a crítica. Ela examina criticamente

52) RUSSEL. *Os problemas da Filosofia*. Op. cit., p. 172-173.

53) *Ibid.*, p.179-180.

54) Cf. POPPER. *Conjecturas e refutações*. Op. cit. Cumpre esclarecer que não pretendemos afirmar que todas as opiniões de Popper sobre questões filosóficas, nem mesmo as principais, sejam as que transcrevemos acima. Não somos especialistas na Obra dele, nem o presente estudo tem como finalidade um levantamento exaustivo deste particular. Aduzimos apenas algumas delas que nos pareceram mais significativas, que conteriam, talvez, o algoritmo (para tomar emprestado um termo da linguagem informática) do seu pensamento sobre o assunto, quites a mudar de opinião mediante a apresentação de outras citações do mencionado autor que falem em sentido contrário.

os princípios empregados na ciência e na vida cotidiana; procura descobrir as inconsistências que possam achar-se nestes princípios, e só os aceita quando, como resultado de uma investigação crítica, não aparece nenhuma razão para rejeitá-los.⁵⁵

No entanto, por mais que discordem entre si, os autores que se voltaram para o tema parecem concordar ao menos num ponto, sintetizado por Pieper num trecho já citado mais acima: “[...] pertence justamente à essência de uma questão filosófica o fato de não podermos receber nas mãos a resposta como ‘verdade acabada’ (segundo as palavras de Parmênides), tal como se colhe uma maçã.”⁵⁶

Esta nota de “abertas”, inerente às questões filosóficas, que está presente também nos autores que ainda serão examinados mais adiante, parece ser um denominador comum entre eles, por menos que esclareça, entretanto, a natureza precisa de tais questões.

Outro ponto digno de atenção é que, até aqui, boa parte dos autores acima mencionados não parece fazer uma distinção específica entre *questões* e *problemas* filosóficos. Contudo, parecendo dar razão à concepção de Norrie,⁵⁷ que vê a Filosofia como um modo particular de problematizar, tal distinção existe, como afirma Floridi.⁵⁸

Ele recorda que há uma diferença significativa entre heurística,⁵⁹ entendida como o método de resolução de *problemas*, e erotética,⁶⁰ enquanto parte da lógica e da retórica que se ocupa com a análise das *questões* e suas respostas. Sem embargo, Floridi considera válido assumi-las como sinônimos, tal como

55) RUSSEL. Op. cit., p. 168. O mesmo que observamos na nota anterior com relação às opiniões de Popper sobre questões filosóficas pode ser dito, *mutatis mutandis*, com relação às de Russell neste particular.

56) PIEPER. Op. cit., p. 8. Pieper não se dedica ao estudo específico das questões filosóficas nesta obra em concreto, se não *en passant* e em alguns poucos trechos, razão pela qual ela não será examinada mais a fundo aqui.

57) Cf. NORRIE. Op. cit.

58) FLORIDI. *What is a Philosophical Question?* Op. cit.

59) Para um aprofundamento do tema, ver, por exemplo, GIGERENZER, Gerd; GAISSMAIER, Wolfgang. Heuristic Decision Making. *Annual Review of Psychology*, v. 62, n. 1, 2011, p. 451-482. Disponível em: <<https://www.annualreviews.org/doi/10.1146/annurev-psych-120709-145346>>. Acesso em: 25 ago. 2019. Ou também PEARL, Judea. *Heuristics: intelligent search strategies for computer problem solving*. London: Addison-Wesley, 1984.

60) Sobre este assunto ver, por exemplo, BELNAP, Nuel D.; STEEL, Thomas B. *The logic of questions and answers*. New Haven: Yale University Press, 1976. Ou ainda PRIOR, Mary L.; PRIOR, Arthur N. Erotetic Logic. *The Philosophical Review*, v. 64, n. 1, 1955, p. 43-59. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2182232?origin=crossref&seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 15 jul. 2019.

o faz Russell,⁶¹ no qual ele se baseia para formular suas contribuições sobre a noção de questão filosófica.

Antes de examiná-las, entretanto, convém notar ainda que, até aqui, os autores estudados, com exceção de Bréhier,⁶² não discorreram sobre a natureza propriamente dita das questões filosóficas, embora seus aportes, ainda que genéricos e/ou indiretos, sejam, em geral, reconhecidos e recomendados como concernentes ao assunto.

Dentre os poucos autores que se detiveram mais especificamente sobre o tema, pudemos identificar alguns, como Floridi⁶³ e Uygur,⁶⁴ os quais apresentam propostas dignas de atenção.⁶⁵ Não que tais propostas sejam isentas de objeções, mas representam, pelo menos, tentativas de estabelecimento de balizas que podem contribuir, de modo mais positivo e direto, para uma apropriada formulação de questões filosóficas referentes à revolução informática.⁶⁶

Respeitando a ordem cronológica, podemos começar por examinar o trabalho de Uygur, não sem antes registrar a observação dele de que, tanto quanto era de seu conhecimento, o tema “o que é uma questão filosófica?” não teria sido devidamente estudado ao longo da História, salvo por alguns poucos autores. Também não nos foi fácil encontrar trabalhos explicitamente voltados para o tema, sendo o de Uygur (publicado em 1964) o primeiro título cronologicamente específico que pudemos encontrar sobre a questão, embora numa pesquisa absolutamente não exaustiva.

O antigo professor da Universidade de Istambul começa por diferenciá-las das questões do dia a dia. Dentre estas, destaca as que chama de questões-

61) E não somente ele, mas também Bréhier, Heidegger, Pieper, Popper, Uygur, Wittgenstein, ao menos nos textos que examinamos, o que já seria razão suficiente para também adotá-lo neste artigo. Acresce que estamos empregando ambos os termos intencionalmente como sinônimos por uma questão de coerência do discurso com os objetivos de pesquisa, uma vez que o presente estudo não se situa no campo da heurística, nem no da erotética, nem no de outra especialidade que requeira a distinção mencionada.

62) BRÉHIER. *La notion de problème en philosophie*. Op. cit.

63) FLORIDI. *What is a Philosophical Question?* Op. cit.

64) UYGUR. Op. cit.

65) O trabalho de Puppi (op. cit.), apesar de levar como título “Inserção da questão filosófica na história”, trata mais propriamente da inserção da questão da Filosofia na História, como ele mesmo esclarece no texto, além da evidencia fornecida pelo conteúdo.

66) Convém recordar que o presente artigo, como registrado no seu início, é parte de um capítulo de um trabalho mais amplo, voltado ao exame da revolução informática e de questões filosóficas por ela levantada.

sentenças, em sua maior parte relacionadas com a falta ou pausa de algo concreto, caracterizadas por termos interrogativos tais como: quem, como, quantos, etc., que têm em vista preencher vazios informativos objetivos ou factuais. Suas respostas, em geral, conseguem preencher tais vazios de modo satisfatório.

As perguntas filosóficas, ao contrário, não têm nenhum vazio concreto a ser preenchido. Ele exemplifica com: “o que é uma explanação?”, “o que significa causalidade?”.⁶⁷ As respostas para estas perguntas, por melhor elaboradas que sejam, sempre deixam aspectos completáveis.

Dentre as questões comuns, ele distingue também as que chama de disjuntivas, por denotarem alternativas concretas que se excluem: “a porta da casa está aberta ou fechada?”.⁶⁸ Nas filosóficas, ainda que por vezes possam abranger alternativas, as respostas nunca estarão ligadas a dados concretos do mundo, embora tenham que basear-se em estudos sobre os mesmos, como, por exemplo: “a consciência é um mecanismo ou um organismo?”.⁶⁹

Em suma, segundo Uygur, a primeira diferença entre as questões comuns e as filosóficas é que os conhecimentos e as atividades do mundo concreto não podem fornecer os elementos para responder a estas últimas porque o campo imediato delas está para além do universo material.

Outra diferença está na intenção com que as questões filosóficas são formuladas. Elas são, em geral, do tipo “o que é?”,⁷⁰ ainda quando apareçam sob morfologia diversa, pois, bem examinadas, estas últimas poderiam ser subdivididas em questões do tipo “o que é?”.

Uygur observa que, por conta disso, alguns as criticam como monótonas ou secas, mas acrescenta que, na realidade, esta seria uma das suas vantagens. Uma questão filosófica pergunta o que deve perguntar, sem simulações, e não é, portanto, de maneira alguma, uma pergunta retórica.

Em sua opinião, a formulação “o que é?” seria o verdadeiro critério para construir e/ou reconhecer uma pergunta filosófica.⁷¹ Ele concorda que

67) UYGUR. Op. cit., p. 66. Como já mencionado acima, todas as traduções de citações de Uygur são de nossa autoria, pelo que nos dispensamos de repetir a expressão “tradução nossa” para a tradução dos trechos dele.

68) Ibid., p. 66-67.

69) Ibid., p. 67.

70) Podem ser consideradas, portanto, questões socráticas, como também recordam Floridi (*What is a Philosophical Question?* Op. cit.), como veremos mais adiante, e Heidegger (*Que é isto – a filosofia?* Op. cit.).

71) Eis aqui um primeiro elemento consistente a ser aproveitado em formulações de questões filosóficas.

existem questões com essa forma que não são filosóficas, mas em geral são postas para perguntar o nome de algo, como as perguntas das crianças, ou para esclarecimentos factuais, ou como forma de manifestar, retoricamente, alguma emoção.

Uygun esclarece, entretanto, que as questões filosóficas também devem incluir um tipo específico de emoção. Ele o considera, inclusive, uma condição *sine qua non* das autênticas questões filosóficas: trata-se do espanto ou maravilhamento.⁷² Segundo o antigo professor de Istambul, aquilo que é perguntado, em Filosofia, não é outra coisa senão o *pivot* de uma admiração: as indagações filosóficas são cheias de maravilhamento.⁷³

Além disso, as questões filosóficas do tipo “o que é?” perguntam o significado de conceitos ou de uma conexão de conceitos, diferentemente das questões de outra natureza que são, em geral, indiferentes a este significado e voltadas para as coisas concretas do mundo. Significado e mundo seriam as

72) Eis um segundo elemento digno de nota para a formulação de questões filosóficas. A propósito, embora Uygun não faça menção a Aristóteles, seu comentário remete diretamente para a conhecida afirmação do Estagirita: “De fato, os homens começaram a filosofar, agora como na origem, por causa da admiração, na medida em que, inicialmente, ficavam perplexos diante das dificuldades mais simples; em seguida, progredindo pouco a pouco, chegaram a enfrentar problemas sempre maiores” (ARISTÓTELES. *Metafísica*, I, 2, 982 b 14. Op. cit., p. 11). Faz lembrar também o trecho do Teeteto, de Platão, em que Sócrates diz a Teeteto: “Efectivamente, meu amigo, Teodoro parece não ter adivinhado mal a tua natureza. Pois o que estás a passar, o maravilhares-te, é mais de um filósofo. De facto, não há outro princípio da filosofia que não este” (PLATÃO. *Teeteto*. 155d. Trad. Adriana Manuela Nogueira; Marcelo Boeri. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. p. 212). De se notar, entretanto, que segundo alguns autores (ver, por exemplo, ALBERT, Karl. *Sul concetto di filosofia in Platone*. Trad. italiana Paola Traverso. Milano: Vita e Pensiero, 1991; e REUS ENGLER, Maicon. *Tò thaumázein: a experiência de maravilhamento e o princípio da filosofia em Platão*. 2011. 244f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011), Aristóteles não veria a admiração como Platão. Dentre outras razões porque este a consideraria como um sentimento que permaneceria na contemplação filosófica, enquanto que o Estagirita a veria como algo a ser vencido pelo conhecimento.

73) Parece conveniente fazer aqui uma observação. Há uma nítida diferença semântica entre espanto e admiração. Entretanto, uma e outra tradução são usadas nas diferentes traduções do texto de Aristóteles referido na nota anterior (e o próprio Aristóteles emprega as diferentes palavras “admiração” e “perplexidade”, no seu texto, para se referir ao mesmo fenômeno), bem como por outros autores (como Uygun) que trataram do tema ao longo do tempo. A nosso ver, não haveria nisso uma contradição. Uma questão filosófica pode vir acompanhada por uma admiração, que tem uma carga emocional agradável, ou por um espanto, cuja carga em sentido oposto é consensual. Tudo depende do objeto que provoca a questão. Se se trata de uma questão filosófica que surge em conexão com um belo nascer do sol, num panorama de montanhas nevadas, por exemplo, é compreensível que a emoção correspondente seja o maravilhamento. Se nasce, em sentido contrário, diante da morte repentina de um ente querido, não poderia ser desacompanhada do espanto/perplexidade. Ambas as emoções poderiam vir juntas? Como exceção, parece-nos que sim, pois o espírito humano é suficientemente vasto para abrigar emoções dispares quando se propõe a formular questões filosóficas, como as que poderiam advir, *verbi gratia*, diante de uma morte ocorrida num contexto de abnegação e heroísmo.

duas dimensões características, respectivamente, das questões filosóficas e das do cotidiano.⁷⁴

Ele esclarece também que esta busca de significados diz respeito a conceitos, mas que isso não significa que a Filosofia seja, para ele, apenas uma questão de linguagem: as questões filosóficas “não perguntam nem sobre o mundo enquanto mundo, nem sobre a linguagem enquanto linguagem”.⁷⁵ O núcleo de sua função seria iniciar o aprofundamento do campo da linguagem dirigida ao mundo.

Uygur procura explicitar as acepções que dá aos termos “mundo”, “linguagem” e “significado”, atribuindo ao primeiro a que é tomada na linguagem comum, incluindo o ser humano e demais seres vivos, bem como o restante do universo material, não sem antes reconhecer que este é apenas um dos significados, dentre os muitos e controversos que se pode encontrar.

Ele atribui à linguagem o sentido de ferramenta com o qual se interpreta e se explica o mundo, distinguindo, neste particular, dois tipos de questões: as que perguntam como a linguagem se forma, e as que indagam o seu significado. As primeiras estariam no início das investigações linguísticas e as segundas, no das filosóficas.

Reconhece que outra questão ainda mais difícil é a do significado preciso do termo “significado”, preferindo ladear a questão e centrar-se no fato de que, apesar disso, é o conceito de significado que permite tornar inteligíveis algumas características das questões filosóficas. Justifica-o argumentando que o que responde às questões do tipo “qual o significado de?” é sempre uma palavra, ou conjunto delas. Porém não referentes ao seu significado semântico, nem à palavra enquanto fenômeno, mas sim filosoficamente, ou seja, indo até os últimos estágios das considerações e/ou do discurso sobre o mundo.⁷⁶

Em seguida, ele examina o valor das questões filosóficas enquanto tais, que tem sido posto em causa tantas vezes ao longo da História. Comenta

74) Mais outro elemento significativo para a formulação de questões filosóficas.

75) UYGUR. Op. cit., p. 73.

76) Parece-nos notar aqui, mais uma vez, uma alusão, ou pelo menos coincidência, com a concepção de Filosofia de Aristóteles: “Do que foi dito resulta que o nome do objeto de nossa investigação refere-se a uma única ciência; esta deve especular sobre os princípios primeiros e as causas, pois o bem e o fim das coisas é uma causa” (ARISTÓTELES. *Metafísica*, I, 2, 982b9 ss. Op. cit., p. 11). Ainda que colateralmente, parece também confirmar os comentários que fizemos acima (em nota de rodapé) aos textos de Heidegger (*Que é isto – a filosofia?* Op. cit.) e que faremos, mais adiante, aos aportes de Floridi (*What is a Philosophical Question?* Op. cit.) sobre as características das questões filosóficas, mostrando que elas dizem respeito aos aspectos ontológicos daquilo que é objeto de sua atenção.

que isto se reflete nas inúmeras discussões entre filósofos e escolas, os quais muitas vezes usam, como argumento polêmico, a arguição da validade das questões filosóficas da parte contrária.

Uygur defende a ideia de que uma falsa questão filosófica pode servir de base para investigações filosóficas, seja como assunto, seja como ilustração, mas que, se de fato são falsas, nunca conduzirão uma atividade filosófica autêntica. Sustenta também que as perguntas filosóficas do tipo “o que é?” podem estar relacionadas com qualquer palavra, desde que sejam enfocadas do ponto de vista filosófico.⁷⁷

Ele examina, por outro lado, a acusação de que muitas das questões filosóficas seriam insignificantes, mostrando que tudo depende do enfoque com que sejam feitas. E analisa ainda a pergunta “qual o significado de significado?”, tomada como base pelos que as acusam de carentes de significado. Ele mostra que tal pergunta seria, paradoxalmente, talvez a mais filosófica das questões filosóficas, e devolve, desse modo, aos acusadores a acusação, censurando-a de insignificante.

Uygur arremata mostrando que uma conclusão positiva, que pode ser deduzida do seu ensaio, é que a própria pergunta “o que é uma questão filosófica?” é uma genuína questão filosófica. Primeiramente, porque está de inteiro acordo com o padrão “o que é?” que as caracteriza. Secundariamente, porque é por meio da sua emergência que a consciência da Filosofia atinge uma dimensão significativa.

Esta pergunta constituiria, na opinião dele, a necessária e talvez primordial questão que esclarece o “o que é?” da Filosofia. Muitas das suas dificuldades e dos seus impasses advêm do fato de não ser respondida em absoluto, ou de sê-lo apenas superficialmente, quando não por meio de preconceitos ocultos. Em sentido contrário, ele sustenta que o apropriado delineamento das questões filosóficas pode facilitar o desenvolvimento da atividade filosófica em bases seguras.

Como mencionado mais acima, além do trabalho de Uygur, encontramos o de Floridi,⁷⁸ professor de Filosofia e Ética da Informação em Oxford,⁷⁹ como

77) Eis outro elemento importante para a formulação de questões filosóficas. Corroborado, ademais, por Cerletti, citado mais adiante (CERLETTI, Alejandro. *O ensino de filosofia como problema filosófico*. Trad. Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009).

78) FLORIDI. *What is a Philosophical Question?* Op. cit.

79) O currículo de Floridi é, na realidade, bem mais extenso e confere à sua opinião um peso acadêmico singular (o que não significa que estejamos sempre de acordo com ela). Cf. <<https://www.oii.ox.ac.uk/people/luciano-floridi/>> e <<http://www.philosophyofinformation.net/>>. Acesso em: 13 jul. 2019.

um dos que também se propõem a delinear contribuições positivas sobre a natureza das questões filosóficas. Embora mais extenso do que o de Uygur, o texto de Floridi tem a vantagem de ser didaticamente resumido pelo próprio autor, facilitando, assim, sua síntese e apresentação.

Floridi introduz seu texto apresentando-o como uma interpretação de um curto trecho em que Russell dá uma de suas definições de Filosofia (“*philosophy is merely the attempt to answer such ultimate questions*”⁸⁰), presente na introdução do seu clássico “*The problems of Philosophy*”, já mencionado acima em uma tradução para o Português.⁸¹

Floridi afirma centrar sua atenção em apenas três palavras do citado trecho: “*such ultimate questions*”, que seriam as questões de que a Filosofia se ocupa. A propósito, além de basear-se em Russell, Floridi também recorre ao já examinado trabalho de Uygur, bem como ao de vários outros autores que se dedicaram, direta ou indiretamente, ao tema.

Como Uygur, Floridi também considera que o modelo básico das questões filosóficas, devido ao seu clássico formato “*ti esti...*”, são as questões socráticas (“o que é tal coisa?”), embora considere que sua especificidade filosófica não resida apenas na sua estrutura morfológica, mas também ao referir-se a temas abstratos, morais e filosóficos.

Floridi retoma ainda vários dos aportes de Uygur, complementando-os em alguns casos, como, por exemplo, no modelo de questão filosófica mencionado por Uygur (“o que é?”), mostrando que melhor seria considerá-las como questões do tipo “wh-” – das letras iniciais, em Inglês, de palavras como “what”, “why”, “who”, etc. – pois todas elas podem servir para abrir questões genuinamente filosóficas.

Além destas, que chama de questões do tipo definicionais, ele considera também, como características das filosóficas, as que chama do tipo existencial, no sentido em que procuram examinar a ontologia do objeto da indagação.⁸² Outras características são o escopo filosófico, a busca de

Sua produção acadêmica, tanto em geral, quanto em matéria de Informática e Filosofia, compreende ainda vários outros títulos que não aduzimos aqui para nos restringirmos ao estritamente necessário ou conveniente ao objetivo do presente estudo.

80) “A Filosofia é meramente a tentativa de responder a tais questões finais (ou fundamentais)” (RUSSELL, Bertrand. *The Problems of Philosophy*. London: Oxford University, 1912. p. 1. (Tradução nossa).

81) RUSSEL. *Os problemas da Filosofia*. Op. cit.

82) Vale ressaltar que Floridi, como ele mesmo adverte, emprega o termo “existencial” não na acepção em que Sartre o utiliza, mas no sentido adotado na expressão “quantificador existencial”. Floridi não se estende sobre a acepção em que utiliza esta última. Talvez a tome emprestada da lógica dos

significado e a relevância da questão, tal como propunha Uygur, para que possam ser enquadradas como tais.

Contudo, a proposta de Floridi, que complementa a de Uygur e de outros que trataram indiretamente do tema, é estudar as questões filosóficas não somente do ponto de vista de sua morfologia, significado, referência, escopo e relevância, mas também do ponto de vista dos seus aspectos informacionais. Para isso, ele se baseia em aportes dos estudos sobre complexidade computacional, aproveitando desde conceitos como o de algoritmo e o de nível de complexidade, até o enfoque de busca pelos tipos de recursos necessários para respondê-las.

Com base nisso, ele propõe e implementa uma metodologia de estudo e, após um longo e elaborado desenvolvimento, propõe definir questões filosóficas como aquelas que são, em princípio, abertas, fundamentais, porém não absolutas, fechadas sob maior questionamento, possivelmente restringidas por recursos empíricos e lógico-matemáticos, e que requerem recursos noéticos para serem respondidas.⁸³

Floridi as entende como abertas porque são questões cujas respostas admitem o desacordo informado, racional e honesto, como ele o caracteriza, ou seja, que não podem, segundo ele, ser respondidas com um simples “sim” ou “não”, com algo que feche a questão.⁸⁴

predicados. Em todo caso, não deve ser no sentido filosófico aristotélico, pois, neste, a expressão seria um contrassenso, uma vez que o ser ou é, ou não é, não existem “quantidades” de ser, nem de atos de existir. Em todo o seu artigo (no qual talvez transpareça uma concepção pelo menos não aristotélica do ser), Floridi não utiliza a palavra “ontologia”, nem qualquer de suas variantes, como o fazemos acima. Mas não nos parece ser outro o sentido que ele quer dar ao termo “existencial” enquanto caracterizador de uma questão filosófica. Este ponto nos parece importante, pois, a nosso ver, talvez a principal característica de uma questão filosófica seja, justamente, voltar-se para os aspectos ontológicos do seu objeto, entendidos no sentido que lhes dá Aristóteles (*Metafísica*, IV, 1, 1003 a 21-25). A respeito disso, ver também nossos comentários (em notas de rodapé) sobre os trabalhos de Uygur (*What is a Philosophical Question?* Op. cit.) e de Heidegger (*Que é isto – a filosofia?* Op. cit.) que examinamos mais acima. Sobram-nos razões, portanto, para adotar esta característica de voltar-se para os aspectos ontológicos como mais um dos elementos constitutivos das questões filosóficas.

83) Conjunto de elementos este que, a exemplo dos de Uygur, também podem ser considerados na formulação de questões filosóficas.

84) Floridi coincide expressamente, neste particular, com a opinião de Waismann (op. cit.), e, em grau maior ou menor, com vários dos autores anteriormente examinados. Contudo, poderíamos nos perguntar: mas será que uma questão filosófica nunca pode ser respondida com um “sim” ou um “não”? Em outros termos, serão sempre e necessariamente abertas? Encontramos autores que não parecem se encaixar nesta regra, como Wittgenstein, por exemplo, cujo *Tractatus logico philosophicus* (London: Really Simple Media, 2011) está repleto de afirmações apriorísticas, respondendo “sim” ou “não” a questões que ele mesmo nem considera existir enquanto filosóficas (cf. WITTGENSTEIN. *Investigações filosóficas*. Op. cit.). E até hoje, pelo menos, não se propôs que ele fosse excluído do rol dos autores filosóficos por conta disso. Com muito mais propriedade, Aristóteles (por exemplo, em *Metafísica*. Op.

Ele divide, entretanto, as questões abertas em boas e más. Estas últimas são as que não são feitas com o devido nível de abstração,⁸⁵ contrariamente às primeiras. Considera também que, de um modo geral, as más questões abertas são absolutas, ou seja, tendem a produzir respostas concretas e não abstratas.

Ele considera as questões filosóficas como últimas ou fundamentais (“*ultimate*”) porque estão na origem lógica de um encadeamento ou de uma rede de perguntas. Sem embargo, adverte ser um erro pensar que elas o são por vir primeiro ou por último no tempo, ou no início ou no fim de uma cadeia de perguntas. Como as questões geralmente surgem sob a forma de uma rede, na qual umas pressupõem outras, as questões filosóficas são últimas ou fundamentais porque são aquelas cujas respostas são mais influentes, nesta cascata de perguntas e respostas, para as outras questões relacionadas dentro dessa rede. Floridi faz a analogia com um quebra-cabeça: elas são como peças-chave que, uma vez colocadas, facilitam posicionar as outras peças.⁸⁶

Apesar da aparente contradição, Floridi afirma que as questões filosóficas são abertas quanto ao desacordo e, ao mesmo tempo, fechadas a um maior questionamento. Ele explica que toma o conceito de fechamento da Matemática, mais especificamente da teoria dos conjuntos. Neste sentido, um conjunto é fechado quando suas operações sempre dão um resultado que se situa dentro do mesmo conjunto, inversamente às operações dos conjuntos abertos, que podem ter resultados situados em outros conjuntos.

Toda questão, lembra ele, é susceptível de dar origem a novas questões. Sempre que se submete uma autêntica questão filosófica a novos

cit.) propõe, indiretamente, indagações que, a serem respondidas dentro do contexto teórico aristotélico, o são necessariamente com afirmações ou negações categóricas, tais como: existe o ser? Algo pode ser e não ser ao mesmo tempo? Existem primeiros princípios indemonstráveis? É verdade que tais questões, dando razão a Floridi, continuam tão abertas ao desacordo que são muitos os filósofos e escolas que discordam das respostas que o Estagirita lhes dá. Porém, em rigor de lógica, negar que tais respostas (categoricamente afirmativas ou negativas) possam existir significaria negar todo o sistema filosófico aristotélico, porque ele as tem como alicerces. A consequência lógica de tal negação seria excluir Aristóteles e seu sistema dos livros e cursos de Filosofia. E, entretanto, até lá não se chegou, pelo menos até agora. Em que pese o trocadilho, a proposição de que as questões filosóficas são sempre e necessariamente abertas não parece ser uma questão tão fechada assim.

85) Conceito chave na proposta de Floridi, o nível de abstração é outro elemento que também se pode considerar na formulação de questões filosóficas.

86) Embora com uma linguagem e um arcabouço conceitual bem diverso e também sem menção a Aristóteles, Floridi faz lembrar a concepção do Estagirita, já mencionada, segundo a qual a Filosofia “deve especular sobre os princípios primeiros e as causas, pois o bem e o fim das coisas é uma causa” (ARISTÓTELES. *Metafísica*, I, 2, 982b9 ss. Op. cit., p. 11), isto é, sobre as causas e princípios últimos (se os enfocarmos do fim para o começo) de um encadeamento de questões.

questionamentos, a questão resultante será outra questão filosófica. Em sentido contrário, as questões empíricas ou lógico-matemáticas podem ser fechadas quanto ao desacordo, mas não são fechadas quanto ao questionamento. Se se persiste questionando por tempo suficiente, e mediante as perguntas certas, mais cedo ou mais tarde, uma nova questão surgirá fora do conjunto empírico ou lógico-matemático e dentro do conjunto das filosóficas.

Floridi exemplifica com as questões sobre causalidade, seja nas da vida cotidiana, seja nas de natureza científica. Aprofundando o questionamento, a partir de certo ponto as perguntas sobre as causas se tornam filosóficas. E sustenta que, quando se tornam tais, continuam filosóficas por mais que se continue a aprofundar o questionamento.

Ele enfatiza que as questões filosóficas não são respondíveis por argumentos empíricos ou lógico-matemáticos, com observações e cálculos. Contudo, elas não aparecem isoladamente, mas, em geral, dentro de uma rede de questões e em conexão com dados da realidade.

Como tais dados estão relacionados com questões abertas e não fundamentais, bem como com questões empíricas e lógico-matemáticas, estas últimas, em conjunto, restringem o campo das questões puramente filosóficas. Além do que, muitas vezes tais conhecimentos são necessários para a boa colocação e adequada resposta às questões filosóficas, as quais, dessa maneira, não se apresentam num contexto exclusivamente filosófico, mas circunscrito e restringido pelos dados da realidade, ou seja, pelos empíricos e lógico-matemáticos, como ele os denomina.

Floridi contrapõe a estes últimos os dados ou recursos que ele chama de noéticos. Entretanto, ele não parece se empenhar muito em definir o que entende como noético, o que nos leva a supor que o esteja empregando no sentido em que o termo é geralmente utilizado. Em todo caso, ele considera filosóficas as questões que necessitam dos recursos noéticos para serem respondidas, em contraposição aos dados empírico-lógico-matemáticos aos quais se recorre para responder às não filosóficas.

Floridi opina que são tais recursos noéticos que permitem lançar mão de artefatos semânticos para formular, discutir e dar sentido a questões abertas para, em seguida, projetar e avaliar respostas para elas. Ele acredita que, por conta disso, dado que o mundo está se tornando cada vez mais complexo, o espaço filosófico entre o empírico e o lógico-matemático está crescendo e não diminuindo. Ele se opõe, assim, ao que chama de visões “obituárias” da Filosofia como as que critica em Hawking e Hume, por exemplo.

O professor de Oxford observa que, ao longo do tempo, a Filosofia foi repassando para o campo científico questões para as quais antes se dispunha apenas de recursos noéticos e que, depois, foram sendo respondidas por dados empíricos-lógico-matemáticos. Reconhece, entretanto, haver nisso uma simplificação, pois muitas questões requerem os quatro tipos de recursos para serem respondidas.

Mas aponta também para o fato de que, em face dos múltiplos acontecimentos históricos, e à medida que as antigas questões abertas foram se transformando em fechadas, a Filosofia vem inserindo novas questões abertas suscitadas por acontecimentos como os descobrimentos, as revoluções sociais, políticas, econômicas, científicas e tecnológicas, dentre as quais ele destaca, precisamente, a atual revolução informática.⁸⁷

O artigo de Floridi apresenta ainda muitos outros aspectos, especialmente os referentes ao papel e à evolução da Filosofia, mas parece-nos que o essencial de suas contribuições para o delineamento do que são as questões filosóficas é o que está resumido acima.

Os aportes de Floridi e de Uygur já nos permitiriam partir para a formulação de questões filosóficas relacionadas com a revolução informática com base numa considerável fundamentação teórica. Contudo, parece-nos oportuno dirimir antecipadamente algumas dúvidas e/ou objeções que poderão surgir quando de nossa formulação específica.

Poderíamos começar pela objeção de que eventos científicos, tecnológicos, sociopolíticos, culturais, psicossociais, econômicos e/ou a conjunção de todos esses setores – e ainda mais alguns outros que, junto a eles, sejam conexos com a revolução digital – poderiam suscitar questões de naturezas respectivas (científica, tecnológica, etc.) ou interdisciplinares, mas nunca filosóficas.

Quem pretendesse sustentar essa objeção precisaria antes refutar eficazmente a constatação de Floridi⁸⁸ de que as questões empírico-lógico-matemáticas, que caracterizam a maior parte das questões referentes aos campos logo acima mencionados, submetidas a maior (e adequado) questionamento, acabam resultando, de um modo ou de outro, em questões filosóficas. Dito de outro modo, faz parte da natureza humana evoluir de questões fechadas para questões abertas (na acepção que Floridi dá a estes termos).

87) Cf. FLORIDI, Luciano. *The Philosophy of Information*. Oxford: Oxford University Press, 2011, e id. *What is a Philosophical Question?* Op. cit.

88) FLORIDI. *What is a Philosophical Question?* Op. cit.

Uygur,⁸⁹ ainda que indiretamente, dá suporte (com antecipação, pois tratou do assunto primeiro) a este argumento decorrente das proposições de Floridi. Mas, bem examinados, a maior parte dos filósofos acima mencionados (e não dizemos que a totalidade por mera questão de prudência) se não chega a concordar, ao menos dificilmente discordaria. Popper, por exemplo, parece corroborá-lo explicitamente quando diz que:

Por outro lado, existem não só problemas científicos genuínos mas também problemas filosóficos genuínos. Mesmo quando a análise revela que esses problemas contêm componentes factuais, não é preciso classificá-los como científicos. [...] Como vimos, a solução de problemas pode ultrapassar as fronteiras de muitas ciências. Da mesma forma, um problema pode ser chamado de “filosófico”, apropriadamente, se verificarmos que embora tenha surgido, por exemplo, no campo da teoria atômica, se relaciona mais estreitamente com as teorias e os problemas discutidos pelos filósofos do que com as teorias que interessam atualmente os físicos. Por outro lado, não importa absolutamente que métodos empregamos para solucionar um problema. A cosmologia, por exemplo, terá sempre grande interesse filosófico, embora se tenha aliado, em parte da metodologia que emprega, com o que poderíamos chamar mais precisamente de “física”. Afirmar que a cosmologia pertence à ciência é pedante e resulta claramente de um dogma epistemológico (filosófico, portanto). Da mesma forma, não há razão para que se negue a um problema solucionável por meios lógicos o atributo “filosófico”: ele pode muito bem ser tipicamente filosófico, físico ou biológico. A análise lógica desempenhou uma função considerável na teoria especial da relatividade, de Einstein; em parte foi isso que tornou essa teoria filosoficamente interessante, dando origem a uma ampla gama de problemas filosóficos correlatos.⁹⁰

Um eventual objeitor poderia também impugnar a formulação de questões filosóficas cujas respostas pudessem incluir, ainda que numa segunda ou terceira etapa, elementos empírico-lógico-matemáticos. O trecho de Popper que acabamos de examinar, bem como a constatação de Floridi, acima mencionada, se consideramos esta última num sentido inverso, poderiam servir de contra-argumento.

Ou seja, as questões abertas, filosóficas, poderão ser restringidas, em grau maior ou menor, por recursos empíricos e lógico-matemáticos, mas, assim como as fechadas, submetidas a maior questionamento, acabam conduzindo

89) UYGUR. Op. cit.

90) POPPER. *Conjecturas e refutações*. Op. cit., p. 102.

às abertas, estas últimas em nada se descaracterizam pelo fato de, sem darem origem direta a questões fechadas, como assinala Floridi,⁹¹ ocasionarem conexões, associações ou referências aos dados da realidade concreta de onde, muitas vezes, se originaram.

Para tomar o exemplo de Popper, logo acima examinado, seria ridículo pretender que um filósofo que se debruçasse sobre problemas autenticamente filosóficos decorrentes da teoria da relatividade de Einstein nunca mais pudesse mencionar o nome dele ou qualquer dado empírico por ele referido, sob pena de descaracterizar sua atividade filosófica.

Se não fossem suficientes os argumentos examinados ao longo do presente texto, talvez já tão extenso que a memória de um eventual objetante não pudesse mais deles se aproveitar, poderia servir de resposta, por sua natureza sintética e didática, a observação de Cerletti sobre um fator fundamental para a caracterização da natureza filosófica de uma questão:

A definição do caráter filosófico de uma pergunta depende do tipo de resposta esperada por aquele que a formula. Ou seja, o que faz com que uma interrogação possa ser considerada filosófica, fundamentalmente, está mais na intencionalidade de quem pergunta, ou se pergunta, do que na pergunta em si. Isto quer dizer que as mesmas palavras que compõem uma pergunta poderiam tanto sustentar uma inquietude filosófica, como não.⁹²

Podemos exemplificar com um trivial inquérito policial. Um delegado que se pergunte: “quem tem razão?”, poderá fazê-lo diante dos litigantes que comparecem perante sua mesa de trabalho, com a intenção concreta de instruir o processo. Ou poderá fazê-lo em sua casa, sentado numa poltrona, com a intenção de se perguntar: “quem é aquele que tem razão?”, ou seja, “quem é a pessoa (em tese) que tem razão?”. Ele poderia ainda aprofundar esta primeira questão submetendo-a a maiores questionamentos, tais como: “quais os critérios que se devem adotar para dar razão a alguém, e por quê?”, “o que é ter razão?”, e assim por diante.

A questão está, portanto, em direcionar adequadamente a intencionalidade da investigação para que ela seja filosófica, por mais que ela esteja fundamentada nas mais concretas das realidades. Donde a necessidade de um trabalho criterioso para evitar formulações vazias, ou subjetivistas, ou pseudofilosóficas, pois, como agudamente recorda Popper, “toda filosofia —

91) FLORIDI. *What is a Philosophical Question?* Op. cit.

92) CERLETTI. Op.cit., p. 23.

especialmente toda ‘escola filosófica’ — pode degenerar de tal forma que seus problemas se tornem praticamente indiferenciáveis de ‘pseudoproblemas’, e seu jargão praticamente indistinguível de um linguajar destituído de qualquer sentido.”⁹³

Em consequência, não há porque temer partir dos dados da realidade para tentar subir ao nível filosófico. Pelo contrário, com base em tudo quanto fica dito acima, esta bem pode ser uma das condições para que esta ascensão se situe autenticamente no campo filosófico, como sustenta também Popper:

[A] degeneração das escolas filosóficas, de seu lado, é consequência da crença errônea de que é possível filosofar sem ser a isso obrigado por *problemas surgidos fora do campo da filosofia* [...]. Em outras palavras, minha primeira tese é de que os *problemas filosóficos genuínos têm sempre raízes em problemas urgentes fora do campo da filosofia, e morrem, se perdem essas raízes.*⁹⁴

Metodologia para a formulação de questões filosóficas

Estabelecido o que pode se considerar como uma questão filosófica, ao menos em suas linhas gerais e dentro do contexto epistemológico contemporâneo, seria conveniente poder identificar um método adequado e seguro para formulá-las. Entretanto, até aqui não nos foi possível encontrar um método específico, academicamente validado, para este fim.

Existem opiniões variadas, é verdade, embora muitas vezes expressas de modo colateral, ou anexadas a textos sobre outros temas, ou ainda influenciadas por vieses metodológicos. Não sustentamos que tal método não exista, inclusive porque não dispomos de sistemas de inteligência artificial, nem de computadores quânticos para procurá-lo. Limitamo-nos a constatar que não o encontramos, ao menos até agora.

Sendo assim, talvez a melhor alternativa seja recorrer a dois métodos simples e básicos, aplicáveis a quase qualquer tipo de estudo: o da análise e o da síntese. Tomamos tais palavras em suas acepções comuns e genéricas, isto é, aquelas que podem ser aplicadas a praticamente todas as disciplinas, no intuito de deixar claro que abrimos mão de qualquer outra acepção específica ou especializada, por mais considerada que ela possa ser.

93) POPPER. *Conjecturas e refutações*. Op. cit., p. 100.

94) Ibid. (Itálicos do original).

A validação de ambos os métodos, para o fim acima enunciado, poderá ser melhor avaliada com base nos resultados do seu emprego. O leitor interessado os tem à disposição no trabalho de pós-doutorado já mencionado no início deste artigo,⁹⁵ e poderá fazer tal avaliação por si mesmo, se desejar. Tendo presente que, ainda que ela fosse totalmente positiva, não poderia ser generalizada para todo e qualquer tipo de trabalho filosófico, sendo necessário examinar cada caso.

Aportes aristotélico-tomistas à formulação de questões filosóficas

O leitor atento já terá observado, ao longo do texto, algumas alusões à concepção de Aristóteles sobre a Filosofia (e, por extensão, sobre as questões filosóficas), presentes, em sua maior parte, em notas de rodapé. Apesar da sua antiguidade, é curioso notar que as diversas digressões dos autores das mais diversas épocas aqui mencionados acabam remontando, de um modo ou de outro, às precoces observações do Estagirita. Podemos resumi-las, poupando o leitor das repetições de suas fontes bibliográficas, uma vez que elas já se encontram ao longo do texto, nos seguintes termos:

Aristóteles propõe que os homens começaram a filosofar por causa da admiração. Perplexos diante das dificuldades com que se deparavam, punham-se a refletir, passando pelas questões mais simples até chegarem a enfrentar problemas sempre maiores.

Em função daquilo sobre o que pensavam, a admiração dos seres humanos poderia variar do maravilhamento à perplexidade, mas tais movimentos do espírito sempre se encontravam presentes no desencadear da atividade reflexiva humana. Porém, não se trataria de uma reflexão de qualquer natureza. Para ser filosófica, ela deveria especular sobre os princípios primeiros e as causas, uma vez que o bem e o fim das coisas é uma causa.

Ao basear-se, ainda que remotamente, no modelo de questão filosófica de Sócrates (“o que é isto?”), ou seja, na procura da *quididade* ou essência dos entes, ao refletir sobre suas causas e os princípios primeiros e, sobretudo, ao estruturar por primeira vez a reflexão humana sobre a metafísica, Aristóteles parece considerar, portanto, que a Filosofia deve se ocupar, primordialmente, dos aspectos ontológicos daquilo que se torne objeto do pensamento.

Como consequência, segundo o Estagirita, embora as questões filosóficas possam se ocupar de objetos colaterais e complementares, elas sempre

95) CAVALCANTI NETO. Op. cit.

dizem respeito, também primordialmente, aos mesmos aspectos ontológicos. Por outro lado, ele considera que, enquanto as definições levam em conta apenas uma tese que solicitam admitir, os problemas ou questões filosóficas consideram possíveis os opostos das teses apresentadas, solicitando, concomitantemente, o exame dos argumentos favoráveis e contrários a elas.

Embora ele veja, desse modo, o problema filosófico antes de tudo como a consciência de uma alternativa, não parece entender que, por essa razão, tenha de, necessariamente, admitir sempre respostas abertas, como propõem alguns autores hodiernos, uma vez que vários dos pilares do sistema filosófico aristotélico importam em respostas afirmativas ou negativas cabais, dependendo do modo como sejam questionados.

São Tomás de Aquino, por sua vez, talvez tenha se ocupado menos ainda do que Aristóteles de questões fundamentais, como o conceito de Filosofia ou de questão filosófica. Com efeito, por ocupar-se de temas sempre mais elevados, baseando-se na Filosofia para ascender aos páramos teológicos, o Aquinate costumava tomar os conceitos basilares do Estagirita como pressupostos, uma vez que seu exame e demonstração já faziam parte de um trabalho hermenêutico prévio empreendido por ele, bem como por outros mestres escolásticos.

É assim que encontramos, por exemplo, logo no início da Suma Teológica, onde ele traça as diferenças entre a Teologia e a Filosofia, afirmações como “só há doutrina a respeito do ente, pois só se conhece o que é verdadeiro; e este é convertível com o ente”.⁹⁶ Ou, mais adiante, formulações como: “nas disciplinas filosóficas se trata de todos os entes, e mesmo de Deus; eis por que uma parte da filosofia é chamada de *teologia*”.⁹⁷

Podemos encontrar outros exemplos ao longo de trechos variados de sua vastíssima Obra, como, por exemplo, quando assevera: “diz-se que a filosofia é a ciência que estuda o ente enquanto é ente, e o considera segundo suas qualidades universais, e não segundo um ente em particular”.⁹⁸

Desse modo, São Tomás parece adotar como pressuposto a concepção aristotélica de que o objeto básico de todo conhecimento humano é o *ens*, que pode ser entendido em grego como *ontos* (ὄντος), que está na raiz da palavra

96) TOMÁS DE AQUINO, Santo. *Suma Teológica*, I, q. 1, a. 1, co. Trad. Aldo Vannuchi et al. São Paulo: Loyola, v. 9, 2001-2006.

97) Ibid. (Ítálico do original).

98) Id. *Sententia Libri Metaphysicae*, lib. 11, l. 3, n. 1. Textum Taurini 1950. (Tradução nossa). Disponível em: <<https://www.corpusthomicum.org/cmp11.html>>. Acesso em: 2 out. 2020.

ontologia (οντολογία), pelo que esta seria o fundamento não só da Filosofia, mas de toda e qualquer ciência.

Em consequência, ele veria o conceito de questão filosófica também do mesmo modo que o Estagirita, o que se pode observar, na prática, ao se examinar mais detidamente o seu sistema de formular questões, filosóficas ou teológicas, ao longo da Suma Teológica e de tantas outras de suas Obras estruturadas em torno de *quaestiones*.

Para o estudioso tomista, os aportes de autores contemporâneos acima mencionados podem ser matizados, portanto, em função do que tenham de comum ou de divergente com relação à concepção aristotélico-tomista que acabamos de examinar, aliás, sem a menor pretensão de exaurir o assunto.

A propósito, este parece ser um tema tão interessante, quanto vasto, para novas pesquisas e aprofundamentos, tendo em vista ampliar o contributo da mencionada concepção à investigação filosófica atual. Razão pela qual a conclusão deste artigo não poderia deixar de vir acompanhada de um convite para a colaboração neste sentido.